

Transferência e desejo do analista

Doris Rinaldi¹

Originalmente a transferência é descoberta por Freud como um fenômeno espontâneo que, ao ser vinculado ao desenvolvimento da experiência psicanalítica, assume o estatuto de um conceito. Seguindo os passos de Freud, Lacan vai sublinhar que este conceito, pensado como o próprio conceito de análise, ganha todo o seu valor pela função que adquire na práxis psicanalítica. Para melhor delimitá-lo, formula a noção de *sujeito suposto saber* (S.s.S.), inédita em Freud. No Seminário XI, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/ 1979), afirma que o conceito de transferência “é determinado pela função que tem numa práxis” (p.120) e “nenhuma práxis mais do que a análise, é orientada para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do real” (p.55).

Essas duas afirmações permitem pensar a direção que dará à discussão da transferência, como mola mestra da análise, e à posição do psicanalista frente a esse instrumento, na condução de uma experiência analítica. A ênfase no real como o vetor que orienta esta práxis, nos chama a atenção para a importância que dará à noção de *desejo do analista*, como função essencial em torno da qual gira o movimento da análise. Em suas palavras, “... o desejo é o eixo, o pivô, o cabo, o martelo, graças ao qual se aplica o elemento-força, a inércia, que há por trás do que se formula primeiro, no discurso do paciente, como demanda, isto é, a transferência. *O eixo, o ponto comum desse duplo machado, é o desejo do analista, que eu designo aqui como função essencial*” (Ibidem, p.222).

¹ Psicanalista, Membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil (IPB), instituição membro de Convergência, movimento lacaniano para a psicanálise freudiana, professora do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ, coordenadora do Curso de Especialização em Psicanálise e Saúde Mental. (UERJ).

Assim como a noção de *sujeito suposto saber* não aparece em Freud, ainda que seus indícios possam ser buscados em textos freudianos, não há, em Freud, uma teoria do *desejo do analista*. São contribuições de Lacan, ao refletir sobre a teoria e a prática da psicanálise, em grande parte estimuladas pelos desenvolvimentos propostos pelos analistas pós-freudianos em relação à técnica psicanalítica. A crítica que faz à psicologização da psicanálise e às formulações técnicas fundadas na análise das resistências e na elaboração da contratransferência certamente teve um papel importante na construção desses conceitos.

Na crítica à contratransferência, Lacan chama a atenção para o fato de que há uma implicação necessária do analista na situação de transferência, o que torna inócua a noção de contratransferência. A transferência é uma só, nela estando envolvidos o analista e o analisando. No seminário sobre *A transferência* (1960-61/1995), ainda sustenta a presença de dois sujeitos na experiência analítica, posição que revisará posteriormente. O faz, entretanto, qualificando a posição desses sujeitos, que não é de nenhum modo equivalente, podendo-se falar de uma *disparidade subjetiva*, para além da dissimetria apontada por Freud entre o analista e seu paciente. Neste sentido, a intersubjetividade é absolutamente estranha ao encontro analítico.

Neste belo seminário, desenvolve uma teoria da transferência, articulando-a ao desejo enquanto fenômeno nodal do ser humano. A partir de um comentário sobre *O Banquete* de Platão, apresenta a transferência como um fenômeno descoberto antes de Freud e perfeitamente articulado nesse texto de Platão, onde se debate o amor. O personagem de Sócrates indica de maneira precisa o *lugar da transferência*, que será designado mais adiante, no Seminário XI, pela noção de *sujeito suposto saber*.

De saída, o fenômeno da transferência está vinculado aos próprios fenômenos da fala, na medida em que esta implica necessariamente um interlocutor. A transferência se manifesta na relação com alguém a quem se fala e deve ser pensada como sustentáculo da fala. A psicanálise descobre,

entretanto, com a noção de inconsciente, que a fala não se reduz à comunicação e que se dirige ao Outro, que está ali, mesmo que não se saiba.

O analista é este ouvinte privilegiado que, do lugar do Outro, convida o analisando a falar o que lhe vier à cabeça, sem consideração pelas conveniências, conduzindo-o para a aplicação da regra analítica destacada por Freud: a associação livre. Neste convite, a presença do analista procura assegurar ao analisando que tomar a palavra não será em vão, que algo se associará e algum saber será elaborado. A situação analítica traz embutida, contudo, uma falsidade, que é a ilusão do analisando de que este saber, o saber do inconsciente, de alguma forma está constituído no analista. É a própria transferência em vigor.

A afirmação de Sócrates de que não pretendia nada saber, a não ser o que diz respeito a *Eros* (desejo), e o diálogo que desenvolve com Alcebiades no *Banquete* são tomados por Lacan como exemplares da situação da transferência e do lugar do analista como *sujeito suposto saber*. É o saber de Sócrates sobre o desejo que desperta a paixão de Alcebiades, o desejo aparecendo não na posição de subjetividade original, mas como objeto. Sócrates contém o *agalma*, o objeto precioso, o segredo do desejo, e é a busca do signo desse desejo que move Alcebiades. Em um paralelo com a situação analítica, diz Lacan: “Pelo simples fato de haver transferência, estamos implicados na posição de ser aquele que contém o “agalma”, o objeto fundamental de que se trata na análise do sujeito, como ligado, condicionado por essa relação de vacilação do sujeito que caracterizamos como o que constitui a fantasia fundamental, como o que instaura o lugar onde o sujeito pode se fixar como desejo” (Lacan, 1960-61/1995, p.194).

O desejo de Sócrates pode ser traduzido como “ocupe-se de sua alma”, na medida em que ele aponta para o desejo do sujeito, manifestando-se como cúmplice desse desejo. Isto permite perceber o seu lugar, mas também porque ele invoca o amor de Alcebiades. O nascimento do amor vincula-se ao fato essencial de que o desejo é desejo do Outro. No amor, contudo, espera-se uma

resposta do Outro na ilusão da reciprocidade. Mas o desejo se manifesta sempre na medida em que *não sabemos* e por isso é possível fazer uma analogia entre a posição de Sócrates e a posição do analista. É porque Sócrates se esquivava das solicitações de Alcebiades, mantendo o enigma de seu desejo ao mostrar-lhe que neste lugar não há nada, que ele pode reenviar Alcebiades para o seu verdadeiro desejo. Aqui fica evidenciada a dupla face da transferência, por um lado resistência e, por outro, mola fundamental da análise.

A noção de *sujeito suposto saber* está, portanto, intimamente relacionada à questão do desejo, uma vez que o analista só é sujeito suposto saber por ser sujeito do desejo. A suposição fundamental é de que ele sabe partir ao encontro do desejo inconsciente. Nesse sentido ele pode ser concebido como *sujeito suposto desejo*, segundo a expressão de Jacques Alain-Miller (cf. Cottet, 1989). Se o amor, como efeito da transferência, ao fechar o inconsciente pela demanda de saber, faz com que o analisando coloque o analista na posição de mestre do desejo, é neste ponto que entra em jogo o *desejo do analista*.

Sócrates, ao colocar o desejo em condição de objeto, põe em evidência a posição do desejante em lugar do desejado - do amante em lugar do amado. Para além das miragens do amor, ele reenvia Alcebiades para o objeto de seu desejo, a partir da falta de seu signo no Outro. A interpretação de Sócrates, ao não atender à demanda de saber de Alcebiades, traz à tona o que Lacan destaca como *desejo do analista*. É nessa direção que ele se refere a este apólogo final do Banquete, “esta cena que confina com o mito” (Op.cit., p.181), como permitindo estruturar a situação analítica em torno da posição de *dois desejos*. Mais tarde, no Seminário XI, ele volta a afirmar: “Por trás do amor dito de transferência, podemos dizer que o que há é a afirmação do laço do desejo do analista com o desejo do paciente” (Op.cit., p.240).

Mas o que é o *desejo do analista*? Um desejo não se nomeia, podendo-se apenas tentar cercá-lo, a partir deste ponto fundamental onde se articula a

relação do desejo com o desejo. Nesse sentido, o *desejo do analista* se situa no registro do Outro, como todo desejo. Isto poderia fazer supor uma reciprocidade de desejos, ou uma simetria entre dois desejos que reduziria o tratamento novamente a uma dimensão de intersubjetividade, como chama atenção Serge Cottet (1989 p.158/9). Entretanto Lacan enfatiza a *disparidade* de posições na situação analítica mostrando, a partir de Sócrates, que ao manter o enigma do seu desejo, colocando entre parênteses seu desejo pessoal, o analista permite que a função do desejo, como proveniente do lugar do Outro, possa se manifestar. O desejo do analista é, portanto, uma função que opera, função essencial que permite a confissão do desejo que pede reconhecimento.

Esta função é mais bem delimitada no Seminário XI, quando o analista, passa a ser suporte do *objeto a*, sendo deslocado do campo do Outro, aparecendo nele, paradoxalmente, na medida em que falta e faz semblante de objeto. O *objeto a* é um vazio que a pulsão contorna e tem uma realidade puramente topológica. Como tal tem uma função separadora na relação do sujeito ao Outro. Não é o objeto do desejo, mas o objeto que falta, o objeto causa do desejo. Pode ser pensado como um *nada*, um núcleo de *não-saber*, em torno do qual se organiza o mundo do desejo.

Se o *sujeito suposto saber*, enquanto instauração da transferência constitui o ponto de partida da análise, é o *desejo do analista* que regula o seu desenvolvimento e a saída da análise, diz Lacan neste seminário. É a partir dele que o analista pode tombar desse lugar idealizado que lhe é conferido na transferência para ser o suporte do *objeto a*, de onde o sujeito se sente causado como desejante. Daí a importância do luto do analista que deve saber, tal como Sócrates, que no nível do pequeno *a*, não se trata do acesso a nenhum ideal, e que, no campo do desejo, não há objeto que tenha maior preço do que outro.

É a partir disso que o analista pode se colocar, numa análise, como suporte do *objeto a*. O paradoxo imanente à transferência é que ela é, ao

mesmo tempo, resistência e possibilidade da análise. Os conceitos explicitados por Lacan de *sujeito suposto saber* e *desejo do analista* permitem pensar a sua dinâmica de uma forma mais clara do que em Freud. Para que um analista ocupe o lugar de sujeito suposto saber na transferência sem se investir dele, é preciso que esteja em vigor o desejo do analista. Desejo esse que, para além do narcisismo, guarda certa homogeneidade com o real. Não é por acaso que no Seminário VIII, Lacan afirme o parentesco entre o *desejo do analista* e o *desejo de morte*, como “um dos pontos de ancoramento da questão” (Op.cit., p.188). O caráter pulsional desse desejo seria dado pelo real da pulsão de morte, que insiste em silêncio, sem descanso. Aqui retornamos à afirmação inicial de que “nenhuma práxis, mais do que a análise, é orientada para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do real”.

Quanto ao que deve saber o analista para conduzir uma análise, Lacan chama a atenção que se existem qualificações necessárias ao analista - e isto já é suficiente para permitir a idealização - não são elas que importam na sua posição essencial. Distintamente do médico que é constituído pelo saber médico, só se pode ocupar o lugar de analista com a condição de *esquecer o que se sabe*. A experiência analítica opera no regime da suspensão do diagnóstico e do desvanecimento do saber constituído. Suas afirmações no Seminário I (1953/1986), ao destacar a dimensão da *ignorância*, como sendo fundamental a ser considerada pelo analista, já prefiguram o lugar do analista nessa articulação entre o *sujeito suposto saber* e o *desejo do analista*. A ignorância, como paixão, é vista por Lacan como um dos componentes primários da transferência, na junção entre simbólico e real. Para além do amor e do ódio, pode ser pensada como uma *vertente neutra* que aponta para a implicação do analista na transferência. A noção de *ignorância docta*, que não significa sábia, evidencia o que há de essencial na função do analista. O analista não deve guiar o paciente pelas vias de um saber já sabido, como indica Freud ao recomendar que cada caso seja tomado como o primeiro, mas encaminhá-lo pelas vias de acesso a esse saber (simbólicas), que será sempre

perpassado pelo não-saber (real). Não-saber fundamental a respeito do objeto do desejo. O que o analista precisa reconhecer é, portanto, o *não-sabido* como o *contexto do saber*, desse saber inconsciente, onde, a partir da falta, surge a invenção. No Seminário VII, *A ética da psicanálise* (1959-60/1988), afirma que o analista não pode saber o que faz em psicanálise. “Há uma parte dessa ação que lhe resta a si mesmo velada” (p.350).

O *desejo do analista* apresenta, assim, esse caráter enigmático, podendo ser situado numa ordem de descoberta, que é radicalmente distinta do desejo de saber. É por isso que Lacan o grafa com um *X*, que na língua francesa se diz *ICS*, inconsciente. Ele só opera se vier em posição de *X*, desse *X* que faz a questão do analisando. *Desejo do analista* que pode ser lido como desejo *do* analista e desejo *de* analista, isto é, de que haja análise.

Se não se pode desconhecer que sustentar esse desejo não é uma tarefa fácil, muitas vezes obstaculizada pelo desejo de ser analista e pelas recompensas narcísicas que essa posição socialmente implica, não custa lembrar que, como afirmaram Freud e Lacan, a única via de formação de um analista é a sua própria análise, que deve ser como recomenda Freud, retomada periodicamente por aqueles que pretendem ocupar esse lugar.

Além disso, para não recairmos nas idealizações, convém lembrar ainda, como disse Lacan, que o *desejo do analista não é um desejo puro* e, mais do que definir o que ele pode ser, pode-se dizer o que ele não pode ser: “Ele não pode desejar o impossível” (Ibidem, p.360).

Referências Bibliográficas:

COTTET, Serge - *Freud e o desejo do psicanalista*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1989.

LACAN, Jacques - *O Seminário, livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1979.

----- - *O Seminário, livro I: Os escritos técnicos de Freud*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1983.

----- - *O Seminário, livro VII: A ética da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1988.

----- - *O Seminário, livro VIII: A transferência*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1995.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.